

---

## ENTRELAÇAMENTOS ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA: O ROMANCE COMO IDEIAS VIVAS

### ENTANGLEMENTS BETWEEN LITERATURE AND PHILOSOPHY: NOVELS AS LIVING IDEAS

*Iraquitán de Oliveira Caminha<sup>1</sup>*

**Resumo:**

O objetivo desse artigo é analisar os entrelaçamentos entre literatura e filosofia, a partir das reflexões filosóficas de Merleau-Ponty. Propomos considerar o romance como ideias vivas que nos lançam num horizonte em que o viver é um drama existencial, que nos exige o movimento de assumir a própria vida e criar formas para ela. Essas considerações foram realizadas por meio de uma análise da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. O foco não foi produzir uma crítica literária, mas se apegar aos modos como as personagens nos afetam e desenvolver expressões escritas que comuniquem gestos criativos do leitor. O romance se faz presente a mim como uma força transformadora que revela um certo estilo de ser. Desse modo, o romance não é uma coleção de ideias abstratas, mas acontecimentos inter-humanos como um nó de significações vivas.

**Palavras-chave:** Literatura; Filosofia; Romance; Merleau-Ponty.

**Abstract:**

The objective of this article is to analyze the entanglements between literature and philosophy, from the philosophical reflections of Merleau-Ponty. We propose to consider novels as living ideas that throw us into a horizon in which living is an existential drama, which requires us the movement to take on our own life and create forms for it. These considerations were made through an analysis of the work *Dry Lives* (by Graciliano Ramos). The focus was not to produce a literary criticism, but to cling to the ways the characters affect us and develop written expressions that communicate the reader's creative gestures. Novels are present to me as a transforming force that reveals a certain style of being. Thus, novels are not a collection of abstract ideas, but inter-human events as a knot of living meanings.

**Keywords:** Literature; Philosophy; Novels; Merleau-Ponty.



---

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [caminhairaquitán@gmail.com](mailto:caminhairaquitán@gmail.com)

Ao meu pai José Caminha e minha mãe Maria das Neves Caminha, dois preciosos sábios sertanejos.

Segundo Merleau-Ponty (1966), todo grande romancista expressa em seus livros ideias filosóficas. Todavia, para ele, a função do romance não é tematizar essas ideias. A intenção é fazer essas ideias existirem para o leitor como coisas vivas. Assim, literatura e filosofia se entrelaçam. Para Merleau-Ponty (1966), esse entrelaçamento se deu de modo mais estreito a partir do fim do século XIX. Ele dá o exemplo da obra de Charles Péguy, que lança mão de um hibridismo capaz de juntar referenciais filosóficos com expressões literárias. Seus textos continham sempre uma atmosfera metafísica que sustentavam suas elaborações literárias.

Mostrar a vida humana por um agenciamento de conceitos é típico do exercício filosófico. Mas, esse trabalho pode ser feito por meio de um romance que explicita ideias por meio de modos de existir retratados num estilo literário. As elaborações abstratas do campo metafísico podem ganhar intensidade de vida nas construções romanescas. As ideias que me chegam pelo romance precisam de mim para existir na sua concretude ou facticidade.

Para Merleau-Ponty (1966), não é necessário empregar palavras do vocabulário filosófico para que o romance possa expressar ideias filosóficas. Não existe uma natureza humana fixa em que se possa repousar. Não há uma moral rígida em que se possa estabelecer uma base para construir as personagens do romance. Na leitura, meu olhar habitual é desmontado. Enigmas são lançados ao leitor. O drama de um romance, que revela a maneira de se conduzir na vida dos personagens, não é apenas de natureza psicológica, mas também filosófica. Isso significa dizer que as personagens nos lançam no mundo da procura de sentido para existir. Elas são carregadas de historicidades ou corpos situados no mundo e não consciências desencarnadas.

De posse dessa perspectiva de conceber o romance, propomos examinar a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Que ideias filosóficas se fazem presentes a mim como leitor do livro? Não iremos recorrer à crítica literária ou as elaborações analíticas sobre a obra já consolidadas. Iremos fazer uma leitura livre e deixar que essas ideias nos cheguem carregadas de sentido em torno dos modos de existir das personagens. É preciso registrar que tenho um longo percurso de formação em filosofia, que perpassa pela graduação, mestrado e doutorado. Destaco que, durante esse percurso, tive Merleau-Ponty como referência para minhas elaborações filosóficas.

Merleau-Ponty (1966, p. 51) diz que “quando eu descubro uma paisagem, até então escondida por uma colina, é somente desse modo que ela se torna plenamente paisagem e a gente não pode conceber isso que seria uma coisa sem a iminência ou a possibilidade de meu olhar sobre ela”. Aquilo que parecia ter uma atmosfera de ser sem mim, se envelopa em mim me solicitando existência. De posse desse entendimento, irei fazer a leitura do romance *Vidas secas*. Uma pergunta se impõe: Por que pensar o entrelaçamento entre literatura e filosofia por meio dessa obra? Sempre tive vontade de compreender os laços que tenho com minhas raízes sertanejas. Meu pai e minha mãe são preciosos sábios sertanejos. Pela leitura e reflexão da referida obra, penso poder fazer contato com essas raízes. Nesse sentido, selecionei três textos para estudos: *Os sertões* de Euclides da Cunha, *Grande sertão: veredas* de João Guimarães Rosa e *Vidas secas* de Graciliano Ramos para fazer estudos sobre os sertões. Nesse momento, eu me disponho

a fazer esse exercício com essa obra de Graciliano Ramos. Deixarei para uma outra ocasião os outros dois livros.

Não começo falando diretamente do livro de Graciliano Ramos. Remeto-me a uma carta que ele escreve para sua esposa, dizendo que seu texto trata da morte duma cachorra. Segundo ele, foi um “troço difícil” procurar adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Ele se pergunta: será que há mesmo alma em cachorros? Mas, isso não tem para ele a menor importância. O mais significativo é que “seu bicho” morre desejando acordar num mundo cheio de preás. No final das contas, é o que todos nós desejamos. “Preás, simbolizado por mim, como os objetos desejados, aqueles que buscamos encontrar o tempo todo. Em especial, os objetos perdidos em tempos primordiais, como dizia Marcel Proust na sua obra *Em busca do tempo perdido*.”

O início descreve um êxodo, marcado por uma caminhada no sol intenso do sertão. Os retirantes eram seis. Sinhá Vitória, Fabiano, o filho mais novo, o filho mais velho, a cachorra Baleia e o papagaio, que logo morreu e acabou servindo de alimento para o grupo. Era possível ver, nas palavras do texto, o céu azul desprovido de nuvens e o voo sombrio dos urubus a procura dos bichos moribundos. Eles precisavam continuar caminhando sem saber aonde chegar. Essa era a esperança do grupo.

O filho mais novo era carregado pela mãe. Porém, o mais velho, caminhando com seus próprios pés, estava exausto. Chorava e sentava no chão. Movido pelo espírito atribulado, passou pela cabeça de Fabiano deixar o filho pelo meio do caminho. Mas, o pai teve pena do filho e o colocou no cangote para continuar a caminhada. O tempo todo um grande silêncio tomava conta dos caminhantes.

Baleia, de costelas à mostra, ia constantemente à frente, mas sempre esperava os demais. Todos caminhavam famintos sem sinal de comida. Ao avistar qualquer vestígio de comida, eles renovavam a esperança. Dava até vontade de cantar, quando isso acontecia. Na fatigante caminhada, eles acabaram encontrando uns pés de juazeiro. Pelos menos sombra, eles acharam. Mas, a estada temporária era apenas uma fazenda sem vida. Tudo deserto. Não existia toque de chocalho. A morte era a presença mais viva. O azul do céu sempre vencia o branco das nuvens.

Naquele cenário de morte, Baleia lançava suas orelhas e sua venta para sentir por perto o cheiro de preás. Enquanto todos dormiam exaustos, no silêncio da sombra do juazeiro, ela chegou com um preá na boca despertando a esperança quase morta. Isso adiou a morte do grupo. Na partilha, a família ficou com a carne e os ossos foram destinados para Baleia.

Baleia, que era como uma pessoa da família, não se prendeu à fome e nem se deixou levar pelos instintos mais selvagens. Poderia ter comido tudo sozinha como a dona da caça. Mas, ela retornou com o preá. Fiel, aos princípios de solidariedade, ela compartilhou o pão. Nunca vi tão humana. Baleia era sempre humilhada. Recebia sempre pontapés. Mas, Graciliano Ramos afirmava que ela tinha um ar revolucionário. Que ideia Graciliano Ramos desejava revelar com esse gesto de Baleia? Talvez explorar o desafio humano de se viver numa tensão permanente entre as necessidades mais fundamentais e cultura dos valores. Imaginem essa tensão no sertão.

Em muitas ocasiões de nossas vidas, a necessidade grita mais alto. Todavia, para ser humano não basta ter vida biológica. É preciso ter uma vida sustentada por valores e princípios. Mesmo que apostemos na intensificação da vida como potência máxima do existir, precisamos tomar essa perspectiva como estilo de vida, na medida em que a essência do humano é buscar sentido para o seu existir.

Fabiano vivia o drama de se perguntar para si mesmo quem ele era. Desejava ser um homem, mas reconhecia que, como vaqueiro, era apenas um “cabra”, que se ocupava em guardar as coisas alheias. Muito significativo Graciliano Ramos usar o termo “cabra”

que, no nosso entendimento, pode servir para designar alguém como bicho, quase desprovido de adjetivações que lhes definam como humano. Fabiano era sempre morador da terra, mas nunca dono dela. Ele se reconhecia como um bicho, capaz de vencer as dificuldades da vida. Vivia sob o regime da seca do sertão. A fala dele era fruto de uma elaboração cantada, monossilábica e gutural. Conversava consigo mesmo a procura de sentido para conferir contornos aos buracos da vida. Fabiano nunca tinha pisado numa escola. Aliás, nem dava o devido valor ao mundo escolar. Era um homem bruto que vivia trabalhando como escravo em terras alheias. Ele não sabia falar para poder colocar as coisas nos lugares ou arrumar o mundo que percebia. Não era apenas miserável, do ponto de vista econômico, mas também pobre sob a óptica da linguagem. Sua carência simbólica lhe deixava ainda mais desamparado.

A pergunta: quem somos? atravessa toda nossa existência. Temos esse poder de perguntar pelo ser. Nossa identidade é uma chave que abre as portas para o existir particular e em grupo. Buscamos ser idênticos a nós mesmo e ao grupo que construímos nossos laços sociais. Fabiano revela a interrogação insistente sobre sua identidade que perturba sua mente. Mas, seu vocabulário é pobre. Pergunta e resposta exigem uma semântica renovada para deixar livre o pensar.

Sinhá Vitória é aquela que sopra o fogo para preparar a comida. Ela era muito admirada por Baleia. Reclamava sempre a dormida na cama de vara. Seu desejo era um dia ter uma cama de lastro de couro. Andava pelos cantos, procurando desabafar, mas nunca encontrava um ouvinte. Adorava xingar mentalmente Fabiano. Ficava irritada ao saber que seu marido gastava dinheiro com jogo e cachaça. Sempre se entristecia com os brutos comentários, que Fabiano dirigia à ela. Fazia suas rezas de ave-maria e não largava o terço. Adorava fumar em seu cachimbo de barro. Morria de medo da seca. Todavia, o que mais lhe incomodava eram os roncões insuportáveis de Fabiano.

Sinhá Vitória simboliza o cuidar. Marca fundamental da vida humana como resposta ao desamparo que nos constitui. Ela doava seu sopro de vida para família. Pensava e desejava uma vida mais confortável, simbolizada pela cama de couro. Apegada aos valores religiosos preservava a tradição de apegar ao divino como resposta ao sofrimento e a miséria humana.

Os filhos viviam cheios de lêmbeas na cabeça, que sua mãe retirava pacientemente cachimbando. Eles sempre recebiam cascudos pelas traquinagens. Mergulhavam nas aventuras das brincadeiras com os bichos e, em especial com Baleia. Adoravam brincar no barreiro fazendo bichos de barro ou então se lambuzando na lama. Eles imitavam o pai, queriam ser como ele. Imaginavam fumando cigarro de palha e calçando sapatos de couro cru. Eles tinham um vocabulário minguado. Uma questão inquietava o filho mais velho: o que é o inferno? Ninguém conseguia lhe explicar. Perguntava em vão. Mesmo falando, a família não se entendia. A comunicação entre os familiares era feita por meio de imagens, que se formavam e se deformavam sem a menor chance de serem dominadas pelo escasso vocabulário da família.

Quando se fala em inferno há sempre uma oposição em relação ao paraíso. Aquela vida no sertão parecia ser um inferno. Talvez fosse por isso que se fugia do assunto. Se o inferno é quente, o sertão é um lugar que representa bem essa ideia. Mas, no imaginário popular, o inferno é o depositário dos pecadores prisioneiros de seus delitos. Um tema complexo para falar do lugar destinado aos ímpios. Estamos no universo do castigo. Todavia, independente do conteúdo da questão, o importante é sempre fazer perguntas. Fazer questões que animam a curiosidade humana é fundamental nossa existência. Esse traço inquietante acompanha este provável adolescente que insistia em interrogar.

No sertão tudo é muito intenso. Na seca, tudo é muito quente e seco. Quando chovia, vinha a fúria das águas, relâmpagos e o forte ronco dos trovões. As águas das

serras corriam levando tudo pelo caminho. Passagem da seca para enchentes. As goteiras adormecidas se levantavam e incomodavam o sono dentro da casa. Até o frio aparecia. Os sonhos mortos eram ressuscitados pela chuva. A vegetação em baixa vitalidade, quase morta, agora está viçosa e pronta para se esverdear. Até Sinhá Vitória voltava a sonhar com a cama de lastro de couro.

Certo dia, Baleia estava para morrer. Já estava muito magra. Tinha chagas por todo canto. As moscas eram suas principais companhias. Ela ia de mal a pior. Diante daquele cenário, Fabiano decide matá-la. Pensou que ela estava com raiva. Eis um paradoxo: hidrofobia no sertão. Pegou sua espingarda de pederneira e foi fazer o serviço. Sinhá Vitória e os filhos estavam aflitos. Eles sabiam que a vida de Baleia corria perigo. Ela é como uma pessoa da família. Estavam com o coração pesado. A decisão de Fabiano parece ser justa e necessária, mas tinha o afeto pela cachorra. A execução era necessária, diante de tanto sofrimento da cachorra, mas, sobretudo, pela ameaça que ela poderia trazer a vida da família. Quando a cachorra foi alvejada, pela espingarda de Fabiano, ela pôs a latir desesperadamente. No momento, Sinhá Vitória se agarrou à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando bem alto. Depois do tiro, Baleia perdeu muito sangue. Teve medo, querendo se esconder. Mas, não se pode fugir da morte. Sentiu o cheiro dos preás, mas o cheiro vinha cada vez mais fraco em seu focinho. Desejou morder Fabiano. Não tinha mais força. Sobretudo, não podia fazer isso, pois tinha nascido ao lado dele e sempre lhe ajudou a juntar o gado, quando o vaqueiro batia palmas. Com uma grande escuridão na vista e com o sol desaparecendo, Baleia sentiu uma angústia apertar o seu pequeno coração. Finalmente, ela queria dormir e acordar num céu cheio de preás gordos e enormes.

A morte é certa. Todavia, enquanto ela vai chegando de mansinho, a vida pulsa. A vida quer sempre ser mais. Pois é: a verdadeira filosofia é aprender a morrer. Assim pensava Platão, retomado por Montaigne. Heidegger diz que somos seres para a morte. Freud diz que todos nós buscamos morrer do nosso jeito. O fato é que ninguém escapa da morte.

Sem Baleia, a família abandonava a terra seca e quente e chegava numa cidade. Guardava consigo a esperança de que a sorte da família iria mudar. Agora, os meninos poderiam ir para a escola para aprender coisas difíceis e necessárias. Fabiano e Sinhá Vitória já estavam velhinhos, acabando-se como uns cachorros, igualzinho a cachorra Baleia. Retardam ao máximo chegar lá. Mas, não tinha outro caminho. O sertão sempre irá enviar famílias de vidas secas para essas cidades.

Segundo Merleau-Ponty (1966, p. 63), “nós somos misturados ao mundo e aos outros numa confusão inextricável”. Assim, os corpos de nossos sertanejos não podem ser considerados isolados. Eles são vidas encarnadas no sertão. Os saberes são dos corpos que criam estilos de viver segundo a dinâmica de afetar-se e ser afetado pelo ambiente do sertão. As personagens e o sertão não podem ser concebidos separados. Um se faz no outro. Ambos se dobram se afetando entre si, estabelecendo a circularidade da carne em seus vínculos quiasmáticos. Esses vínculos significam estar no mundo de maneira tão radical em que há um descentramento de si. Desse modo, falar de Fabiano, Sinhá Vitória, os filhos, o papagaio e Baleia significa falar dos entrelaçamentos de seus corpos com o sertão. Não há corpo sem um mundo que o sustente. Mundo aqui não se reduz ao ambiente físico ou biológico, mas o mundo de sentido com seus valores culturais entranhados no mundo sensível.

Apelamos aqui para a noção de reversibilidade da carne, trabalhada por Merleau-Ponty, no *O Visível e Invisível*, para propor sentidos de se viver no sertão a partir dos corpos das personagens do livro *Vidas Secas*. A ontologia da carne de Merleau-Ponty nos lança num cenário de rompimento com toda forma de leitura atomista do corpo como se



fosse pensá-lo isolado da rede de vínculos que sustenta a vida. A carne é a estrutura ontológica fundamental que coloca sempre o corpo em relação. Essa estrutura é considerada aqui como a sensibilidade enquanto reversibilidade da carne, que assegura nossa condição de existência como abertura para o mundo e retorno para si.

Pelos corpos as personagens têm o sertão e, por meio deles, o sertão os têm. As seis personagens lutam pela conservação da vida. Mas, elas também brincam, sonham, desejam, rezam, cantam e festejam. Assim, constroem sentidos figurados para suportar os desamparos do sertão. É nesse contexto que Graciliano Ramos toma como tarefa compreender o sentido de sertão na vida de seus sertanejos e não explicar em que consiste o sertão por meio de relações de causa e efeito. A essência está no existir ou na experiência de ser sertanejo. Somente penetrando nas entranhas das vidas secas é possível narrar o sertão de modo filosófico.

Graciliano Ramos cria em *Vidas Secas* um campo de atribuição de sentido do que é o sertão. O autor descreve vivências entrelaçadas de reflexões. É por este caminho que alcançamos o sentido original do ser sertanejo. O livro nos permite acompanhar o aparecimento de sentidos de se viver no sertão. Ele nos ensina lançar-se no sertão e aprender o seu sentido. Todas as descrições nos fazem aprender pelo sentir, nosso modo de ser originário. Merleau-Ponty ficaria encantado ao ver Graciliano Ramos nos fazer pensar pelo focinho de Baleia. Ficaria admirado em poder criar fabulações por meio dos cheiros de preás vividos por ela.

A vida humana é marcada pela sua variedade de mundos criados pela força de sua criatividade. Essa variedade é concebida aqui a partir do sertão como morada, apresentado por meio da força da vida de personagens que revelam desejos a partir dos modos de ser carne no sertão. Esses modos mostram um vínculo indissolúvel entre os corpos das personagens e o ambiente sertanejo. Tudo isso é percebido, por mim, como ideias vivas oriundas do entrelaçamento entre literatura e filosofia.

A atmosfera filosófica de *Vidas Secas* revela que a procura de sentido para existir, muitas vezes, nos impõe uma retirada. Contentar-se com o lugar é a expressão de um certo bem-estar passageiro. Somos seres marcados pela falta. Onde tudo parecia pleno, de repente a escassez toma conta. A necessidade de êxodo vem. É preciso partir. Nos fixamos numa determinada região da terra, mas isso é temporário. Basta uma seca, que tudo muda. No fundo, somos nômades. Estamos sempre rumo “à”. Nas construções de Graciliano Ramos, podemos encontrar o ser humano obstinado por encontrar um lugar, que preencha nossas lacunas. Somos andarilhos a procura de satisfazer nossas carências. A esperança está em continuar caminhando. Nesses termos, recorremos a Rocha (2007), quando diz que a esperança não significa ficar esperando, mas permanecer caminhando, mesmo no escuro.

Quando tudo parece extremamente sombrio e sem saída, a família do romance de Graciliano Ramos decidem caminhar. Eles fazem, do jeito deles, o gesto dos humanos que caminham a procura de conseguir amparo ao seu desamparo primordial. Uma força estranha impulsionava aquela família para a aventura de continuar caminhando. Um passo adiante e um passo a mais nos lançam para mirar além de nós mesmo e, assim, construir novos horizontes.

Não suportamos o vazio. Isso faz lembrar do estilo *horror Vacui*, adotado por Michelangelo para pintar o teto da Capela Cistina. Precisamos nos apegar a algo como forma de superar nossa condição primeira de desamparo. Desejamos preencher nossos espaços vazios. A arte cumpre um papel especial nesse desejo. O que somos, no final das contas, é uma desamparada criança de peito, como diz Freud em *O Mal-estar na Civilização*. Nossa força está na inventividade de poder criar mundos em busca de superar nossa vulnerabilidade. Mesmo que isso seja impossível. Mas, deixar de sonhar é a morte

do humano. A literatura entrelaçada à filosofia é um terreno fértil para sonhos, meditações e aberturas para criar mundos. Foi assim que me senti lendo *Vidas Secas*.

### Referências

- FREUD, Sigmund. *Mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Le romain et la métaphysique. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et non-sens*. Paris: Nagel, 1966.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1991.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ROCHA, Zeferino. Esperança não é esperar, é caminhar Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. ano X, n. 2, jun., 2007.

Recebido em: 06/2023  
Aprovado em: 08/2023